

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
NOÉMIA DELGADO, O CINEMA NO SINGULAR
13 de Outubro de 2026

QUEM FOSTE, ALVAREZ? / 1988

um filme de Noémia Delgado

Realização, Argumento, Investigação: Noémia Delgado / **Pertencente à série:** “Artes e Letras” (?) / **Consultor principal / Texto crítico:** Fernando Pernes / **Locução, texto e poema de Miguel Torga:** Luís Gaspar / **Poema de Alberto Serpa:** Rui Jacques / **Leitura de excertos cartas a Casais Monteiro, Numídico Bessone e documentos:** Tito Almeida / **Fotografia:** Artur Moura (16mm, cor) / **Assistente de imagem:** Boldt Guedes / **Som:** Júlio Abrunhosa / **Montagem, Sonoplastia:** Noémia Delgado, Pedro Pinheiro / **Anotação:** Isabel C. Moura / **Maquilhagem:** Aurora Inocência / **Música:** Chopin, Scott Joplin, Mozart, Tuna Univ. Compostelana, Milladoiro / **Figuração Especial:** Ana Paula Gonçalves, alunos / **Interpretação:** Tito Almeida (Alvarez) Aurora Gaia (atriz convidada), Luís Gaspar, Rui Jacques / **Depoimentos (por ordem alfabética):** Arménio Losa e Ilse Losa, Fernando Lanhas, Guilherme Camarinha, Jaime Isidoro, Manuel Gonçalves, Meneres de Campos / **Colaboração especial (por ordem alfabética):** A.E. Teixeira Lopes, Dário Alves, Gustavo Bastos.

Produção: R.T.P., Secretaria de Estado da Cultura / **Produção, Assistência de Realização:** José Ernesto P. Monteiro / **Produtor Delegado/Norte:** A. E. Teixeira Lopes / **Produtor Delegado R.T.P.:** Luís Avelar / **Laboratório de Som:** R.T.P. / **Misturas:** Calado Saúde / **Laboratório de imagem/Efeitos Especiais:** Tobis Portuguesa / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema/ R.T.P., 16mm (Double Band, Sep Mag), cor, som, falada em português, sem legendas / **Duração:** 60 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 27 de Novembro de 1988, R.T.P. 1 / **Primeira Exibição na Cinemateca.**

MAFRA E O BARROCO EUROPEU / 1972

um filme de Noémia Delgado (não creditada)

Realização: Noémia Delgado (não creditada) / **Fotografia:** Moedas Miguel (35mm) / **Produção:** Plus Plano / **Produtor:** José Taveira / **Cópia:** Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, Digital (suporte original 35mm), cor, som, sem diálogos. Esta obra teve uma variante com uma montagem mais longa e com locução (7'). Esta cópia resulta da digitalização Ultra HD dos negativos originais de som e imagem, em 35mm, conservados pela Cinemateca. O tratamento digital da imagem e do som foram feitos pela Cinemateca em 2022 / **Duração:** 3 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** em data não identificada / **Primeira Exibição na Cinemateca.**

Quem Foste, Alvarez? e **Mafra e o Barroco Europeu** são apresentados com **Pousada das Chagas**, de Paulo Rocha (“folha” distribuída em separado).

Duração aproximada da projecção: 80 minutos

“Porque é que um tipo depois de morto vale mais do que vivo? (...) Uma pintura é um testemunho da vida humana (...) Eu acho que um homem deve ser apreciado em vida, e a sua pintura deve ser entendida, não deve ser intelectualizada, mesmo que ela fuja dos parâmetros da sua época, não há que esperar que ele morra para valorizar os seus quadros, as suas obras, as suas esculturas”

(dos diálogos do filme)

“Uma pessoa muito pouco compreendida nos meios intelectuais da altura, era um ser absolutamente marginal, só não vivia à margem pois possuía essa coisa riquíssima que era ser um autêntico pintor”

(excerto de um depoimento presente no filme, cujo autor não é identificado).

Último filme de Noémia Delgado, **Quem Foste, Alvarez?** é dedicado ao pintor modernista portuense José Cândido Dominguez Alvarez (1906-1942), cuja biografia permanecia largamente desconhecida na altura da realização deste documentário, só sendo acessível através dos seus desenhos, pinturas e notas. Combinando materiais de arquivo com encenações ficcionadas de alguns momentos da vida do artista e depoimentos de Fernando Lanhas, Arménio e Ilse Losa, Guilherme Camarinha, Jaime Isidoro, Manuel Gonçalves ou Meneres de Campos, Noémia explora os mistérios que cercam a sua vida artística e pessoal.

A locução é em parte de sua autoria, o que é uma constante nos seus filmes deste período, dividindo o protagonismo com vozes masculinas, que leem poesia ou textos relacionados com Alvarez. Noémia segue a sua biografia de perto, revelando-nos os documentos da sua pesquisa: a certidão de nascimento, os formulários das Belas-Artes do Porto, o álbum fotográfico familiar, mas também as pinturas que acompanham as várias fases da obra e vida do pintor, que é narrada cronologicamente. **Quem Foste, Alvarez?** desenvolve-se a várias vozes, sendo que nenhum dos intervenientes que profere o seu depoimento comparece na imagem, pelo que é difícil identificar cada um dos testemunhos (o nome dos intervenientes nunca é destacado). Pontuado por momentos de ficção, que apresentam as suas debilidades ao nível da representação, é apenas nestes momentos que a banda de som revela a sua sincronia com a banda de imagem. Descreve-se a formação do pintor, a passagem por Espanha (e o modo como nunca foi além da Galiza ou sequer visitou Lisboa), revisitando-se os espaços que frequentou na companhia de Tito Almeida, não-actor que Delgado convidou para o papel do pintor por acreditar nas suas semelhanças físicas.

Quem Foste, Alvarez? começa e termina num cemitério, seja ele figurado ou literal, com o som de alguém a cavar a terra em cima da pintura do artista. O “período negro” de Noémia, corresponderia ao “período negro” de Alvarez, revelado nas pinturas cinzentas, como numa premonição da morte de um artista “marginal” que padeceu de tuberculose ainda muito novo. Mas o mais curioso é o modo como se refere a atenção que Alvarez dá à materialidade da pintura, o que encontra a sua expressão nas pinturas filmadas de muito perto, em que se documenta com detalhe as camadas de tinta sobrepostas. Fabricava as tintas e enterrava as pinturas no quintal para testar a sua oxidação, conseguindo uma extraordinária pureza de tons. Qualidades que se revelam na sobreposição do casario branco com os telhados vermelhos, na textura dos campos lavrados, ou no ritmo da tinta que desenha os ciprestes que se erguem por entre as casas, com todo o seu sensual mistério. Uma pintura cujo tema era sobretudo a realidade popular, o casario, as ruas, o pitoresco dos habitantes da cidade, que partia de esboços que realizava no exterior, para se revelar no espaço exíguo e pouco luminoso de sua casa, onde tinha o atelier. No seu “Manifesto mais além”, aqui citado, exprime-se a defesa do pintor de uma “arte do sublime que nos contorce”, que evolui de uma “fase vermelha” para os “quadros

fantásticos”, numa das mais claras manifestações do expressionismo português, que encontra na obra de Noémia Delgado um precioso aliado.

A sessão é complementada por **Mafra e o Barroco Europeu**, na versão sua mais curta, com cerca de três minutos. Como se referiu a propósito da versão mais longa, que ao contrário desta tem locução em *off*, este díptico corresponde à primeira experiência de Noémia na realização, se não contarmos com os seus três segmentos do jornal de actualidades Cine Almanaque em 1967, que na totalidade perfazem os cinco minutos. O “barroco” do Convento de Mafra faz a ligação ao terceiro filme da sessão, obra de Paulo Rocha, que assume ela próprio a forma barroca, tendo sido realizado um ano antes de **Mafra**. Encomendado pela Fundação Calouste Gulbenkian, **Pousada das Chagas – Uma representação sobre o Museu de Óbidos** é um “filme ópera, neo-*kabuki*, numa estética de excesso que tem a ver com certos caminhos da arte moderna, em que o dispêndio de energia tenta refundir fragmentos de um mundo fraturado”. As palavras são de Paulo Rocha, grande amigo de Noémia Delgado, que colaborou com Rocha na montagem de **Pousada das Chagas**, e foi assistente de montagem dos seus dois filmes anteriores, **Os Verdes Anos** (1966) e **Mudar de Vida** (1966), enfatizando-se assim os primeiros trabalhos de Noémia no cinema, como assistente de montagem/montadora numa obra em que a montagem tem um papel essencial.

Joana Ascensão